

Amanda Cristina Mezzena

**SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO  
CULTURAL?**

CELACC/ECA-USP  
2012

Amanda Cristina Mezzena

## **SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO CULTURAL?**

Trabalho de conclusão do curso de  
Gestão de Projetos Culturais e  
Organização de Eventos, sob  
orientação da prof<sup>a</sup>. Fabiana Felix  
do Amaral e Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre colocou em minha vida grandes oportunidades de crescimento.

A minha família com quem sei que posso contar e que sempre me apoiou em todos esses anos.

Especialmente à Professora Fabiana Felix do Amaral e Silva, por sua paciência e disposição em me ajudar sempre e me fazer crer que seria possível.

Minha amiga Helenice Camargo Henne por me mostrar que o Saci era um bom tema a ser discutido e a todas as minhas companheiras de CELACC pelo aprendizado compartilhado.

A todos que colaboraram nessa pesquisa por me receberem tão receptivamente e participarem das entrevistas, em especial ao José Oswaldo Guimarães e todos da Associação Nacional dos Criadores de Saci, as artesãs, as pessoas da Secretaria de Turismo de Botucatu e ao Grupo de Teatro Notívagos Burlescos.

Minha amiga Marísia Poli por me auxiliar na revisão desse trabalho e meu amigo Reinaldo André Rodrigues pelas traduções.

Especialmente ao Tiago Amaral, pelo carinho, compreensão e apoio sempre.

## **RESUMO**

Este trabalho discute as novas possibilidades construídas pelo mito do Saci na cidade de Botucatu, a fim de compreender dentro do processo de hegemonia e consenso como acontecem os processos hegemônicos, identificando se o Festival Nacional do Saci está incluído dentro dele. Ao tomar como objeto de estudo o Saci, buscou-se compreender por que ele causa tanta divergência entre os moradores de Botucatu e levantou-se a hipótese de que existe a emergência de um novo sentido para a Festa do Saci, avaliando as práticas culturais e comunicacionais, resultantes como campo de fortalecimento dos laços identitários das comunidades locais envolvidas.

**Palavras-chave:** Saci, Cultura Popular, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

## **ABSTRACT**

This paper discusses the new possibilities constructed by Saci myth in the city of Botucatu, in order to understand in the process of hegemony and consensus how the hegemonic processes occur, identifying if the National Festival of Saci is included within it. Taking as an object of study, the Saci, seeking to understand why it causes so much detergency between the Botucatu citizens and raised the hypothesis that there is the emergence of a new comprehension for the Saci's Fest, evaluating cultural practices and communication as a result of the field strengthening of links identity of local communities involved.

**Keywords:** Saci, Popular Culture, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

## **RESÚMEN**

Este artículo analiza las nuevas posibilidades construidas por el mito del Saci en la ciudad de Botucatu, a fin de comprender dentro del proceso de hegemonía y consenso como se producen los procesos hegemónicos, identificando si el Festival Nacional do Saci está incluido dentro de él. Tomando como objeto de estudio el Saci, trató se de comprender por qué causa tanto conflicto entre los habitantes de Botucatu y planteó la hipótesis de hay el surgimiento de un nuevo sentido para la Festa do Saci, evaluando las prácticas culturales y de comunicación resultantes como un campo de fortalecimiento de los vínculos de identidad de las comunidades locales involucradas.

**Palabras clave:** Saci, Cultura Popular, Botucatu, Festival Nacional do Saci.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. CONFLITOS E POSSIBILIDADES .....	10
1.1. HEGEMONIA, NEOLIBERALISMO E TURISMO EMANCIPADOR .....	10
1.2. BOTUCATU E O SURGIMENTO DE UM MITO.....	12
2. AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI .....	14
2.1. A MISCIGENAÇÃO DO SACI .....	14
2.2. SACI LOBATIANO: UMA FORMA DE DOMINAÇÃO? .....	16
2.3. MIGRAÇÃO DO SACI PARA BOTUCATU .....	18
2.4. SACI COMO POSSIBILIDADE .....	19
3. METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS.....	21
4. FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO .....	23
4.1. MASSIVO E POPULAR: O SACI QUE TRANSITA ENTRE AS CLASSES SOCIAIS .....	23
4.2. SACI COMO MEMÓRIA, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34
ANEXOS.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## SACI: CULTURA, SUPERSTIÇÃO OU PRODUTO CULTURAL?

Amanda Cristina Mezzena<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Botucatu é uma cidade localizada na região central do Estado de São Paulo, na margem sul do rio Tietê, distante aproximadamente 234 quilômetros da capital. Situada nos altos de uma elevação a qual os geógrafos e geólogos chamam de cuesta (também conhecida como Serra de Botucatu), possui muitas matas ainda preservadas, o que lhe confere um alto potencial para o crescimento do ecoturismo.

O mito do saci foi introduzido em Botucatu através da Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCS), uma organização anárquica formada por pessoas da cidade que começaram a divulgar que criavam saci na Serra de Botucatu.

Alguns deles apareceram na mídia e foi quando surgiu certa polêmica, por alguns moradores não terem gostado e nem concordado com o título de “terra do Saci” conferido a cidade.

No entanto, esse assunto fez surgir uma discussão não só sobre o saci, como sobre o folclore em geral, criando assim o Festival Nacional do Saci.

A festa foi incluída no calendário da cidade e apoiada pela prefeitura, através da Secretaria da Cultura, movimentando o artesanato e a culinária local. Porém, com a mudança de governo, a festa deixou de fazer parte do calendário oficial, sendo substituída pela Feira do Folclore, o que gerou uma organização dos artesãos que conseguiram alguns patrocínios e eles mesmos realizaram a festa, fazendo com que a prefeitura voltasse a organizá-la, agora através da Secretaria do Turismo, que vislumbrou uma possibilidade de aumentar o potencial turístico da cidade, explorando o tema como um produto cultural.

---

<sup>1</sup> Propagandista e publicitária. Graduada em Publicidade e Propaganda pela UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Administração pela UNINOVE de Botucatu e cursando pós-graduação *lato sensu* em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos no CELACC/USP, em São Paulo.

E-mail: [amandamezzena@yahoo.com.br](mailto:amandamezzena@yahoo.com.br)

Artigo produzido sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Ms<sup>ª</sup> Fabiana Felix do Amaral e Silva.

O evento, desde o começo, contou com o apoio da Associação Nacional dos Criadores de Saci, que com seu crescimento acabou influenciando o surgimento de outras associações como a Associação Nacional dos Criadores de Lobisomem, existente em Joanópolis, no interior de São Paulo.

Assim essa pesquisa teve como objetivo geral compreender dentro do processo de hegemonia e consenso, como acontecem os processos hegemônicos, a fim de identificar se a festa está incluída ou não dentro dele.

Para isso buscou-se aliar o conhecimento teórico com o trabalho de campo e a contextualização histórica do tema através dos capítulos que se seguem.

No primeiro capítulo – CONFLITOS E POSSIBILIDADES – buscou-se fazer um levantamento teórico sobre hegemonia e consenso existentes na cultura popular e o surgimento do saci em Botucatu.

No segundo capítulo – AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI - buscou-se especificar a figura do saci, desde sua origem até o surgimento do mito em Botucatu e como ele pode ser utilizado como uma cultura alternativa que crie laços identitários com a população.

No terceiro capítulo – METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS – demonstra-se a metodologia utilizada no trabalho de campo e como essas informações se relacionam com a teoria, transformando-se e evoluindo para outro conflito ainda não discutido.

No quarto capítulo – FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO – pretende-se construir um novo olhar através da análise de dados recolhidos no trabalho de campo, mostrando toda a transformação por que passou o mito desde sua origem até os dias atuais, assim como ele se transformou para resistir ao tempo e como ele pode ser utilizado de forma criativa pela população que se apropriou da lenda.

## **1. CONFLITOS E POSSIBILIDADES**

### **1.1. HEGEMONIA, NEOLIBERALISMO E TURISMO EMANCIPADOR**

O mundo atual encontra-se em processo de transformação, porém ainda é movido pela acumulação de dinheiro, já que está inserido em uma sociedade capitalista dominante.

Emir Sader (2009) considera que vivemos um momento contraditório, onde de um lado encontra-se um modelo hegemônico imperialista e capitalista, que tem demonstrado seu esgotamento, e do outro se encontram os modelos alternativos com dificuldades de se impor.

A hegemonia neoliberal surge com o rompimento do projeto do Estado de bem-estar social, focando seu discurso ideológico na retomada do liberalismo clássico do século XIX, defendendo, entre outras medidas, o controle dos gastos públicos, o arrocho salarial, o desmonte do Estado de bem-estar social e um amplo processo de privatização. (SADER, 2009)

De início os resultados não apareceram como esperado, assim sua consolidação só se deu quando, diante do quadro de crise em que se encontrava, fizeram-se ajustes que moldaram os ideais neoliberais às novas demandas. Assim, o Estado assumiu uma função reguladora das atividades econômicas, atuando em parceria com o setor privado.

No entanto, no final da década de 1990, esse modelo entra em crise por demonstrar que não é possível um crescimento contínuo, devido à contradição do modo de produção capitalista, pela impossibilidade de conciliar o projeto de emancipação social e a intensificação da acumulação do capital. (SADER, 2009)

Devido ao capitalismo, o dinheiro tomou o lugar do humanismo e passou a ser o motor da vida econômica e social, desencadeando uma aceleração da globalização, na qual o homem deixou de ser o centro do mundo dando lugar ao que Milton Santos chama de “dinheiro em estado puro”. (SANTOS, 2010: p. 38)

Junto ao neoliberalismo, à produção em série e às inovações tecnológicas, surge a globalização, que trouxe consigo a tendência da padronização, muitas vezes imposta pela mídia, que tende a levar à extinção das diversidades culturais espalhadas pelo mundo, transformando todas em um padrão único a ser seguido.

Milton Santos acredita que a globalização pode dar origem a três mundos: o da globalização como fábula, ou seja, o mundo da forma como nos fazem vê-lo, o da

globalização como perversidade, ou como ele é de fato e ainda uma outra globalização, traduzida no mundo como ele pode ser. (SANTOS, 2010: p. 18)

Para ele o mundo como fábula se dá através da ideia de aldeia global, levando a crer que a difusão instantânea acontece pela intermediação de objetos e não da interação entre as pessoas.

Dessa forma o que é veiculado pelos meios de massa ao invés de informar, confunde, não passando de uma interpretação interessada, já que os veículos de comunicação pertencem a pequenos grupos de uma classe dominante.

Milton Santos (2010) vê a “mutação tecnológica” como a emergência das técnicas da informação, sendo essas diferentes da técnica das máquinas e adaptáveis a todos os meios e culturas, acreditando que quando essas técnicas forem democratizadas elas trabalharão a serviço do homem e não aos interesses do capitalismo através de seu uso perverso de hoje. Já a “mutação filosófica” será capaz de atribuir um novo sentido à vida das pessoas.

Tendo como base esse modelo neoliberal, pode-se dizer que a expansão do turismo em escala global se deu devido ao aumento de tempo disponível juntamente com a circulação de capital. Henrique Alckmin Prudente (2010), em sua tese de doutorado, atribui esse fato à introdução da automação industrial e as crescentes reduções da jornada de trabalho, fatores que contribuíram para o “aumento de horas liberadas da ocupação formal do emprego clássico.” (p.71)

O turismo visto como fator de desenvolvimento sustentável, forças geradoras de divisas e ambientalmente concebido, torna-se uma ilusão diante de um cenário global em que são contemplados interesses adversos articulados com a geração da mais-valia e da exploração das comunidades receptoras. Ao mesmo tempo o lazer de cunho emancipador revela-se em uma possibilidade tênue devido à inserção do próprio lazer no sistema do capital a partir do instante em que são estabelecidas as mediações predatórias entre o repertório hegemônico e certos segmentos sociais seduzidos diante das ilusões paridas pelo mercado de consumo. (PRUDENTE, 2010: p. 72)

O processo de globalização influencia a economia, a cultura, o turismo, as relações interpessoais, assim como todos os aspectos da vida do ser humano. Milton Santos (2010) mostra como as pessoas são atingidas de formas diferentes por esse fenômeno. Para ele “a globalização agrava a heterogeneidade, dando-lhe mesmo um caráter ainda mais estrutural.” (p. 143) É possível notar ainda como a cultura de massas busca homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular da mesma forma que é possível ver as reações dessa cultura popular.

De encontro a isso, Ferreira (1997) demonstra como as culturas subalternas intercalam culturas adaptando-as ao seu cotidiano:

...a cultura subalterna refuncionaliza as mensagens recebidas, adaptando-as ao seu cotidiano. Daí resulta que as classes subalternas estruturam o seu mundo a partir de uma coexistência não harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com outras culturas e ideologias. Como resultado desse exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convivem a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais, em combinação com as características culturais geradas pela sua condição de classe oprimida. (FERREIRA, 1997, p. 33)

Prudente afirma que o cotidiano potencializa a resistência cultural, gerando e ampliando a consciência dessa população autóctone, que implanta a identidade cultural como fomentadora do turismo emancipador, promovendo a verdadeira cidadania, gerando condições de vida favoráveis para inserir essa população em um circuito econômico que propicie rendimento e empregabilidade às comunidades locais, quebrando o circuito de exploração do turismo predatório. (PRUDENTE, 2010: p. 83-84)

## **1.2. BOTUCATU E O SURGIMENTO DE UM MITO**

Na década de 1830, o café expandiu-se muito pelo Brasil, tornando-o responsável por metade da produção mundial. Esse fato contribuiu para a criação de ferrovias que ligassem as novas cidades produtoras de café e suas fazendas aos portos de Santos e Rio de Janeiro.

Botucatu localiza-se em uma região que fazia parte do ciclo do café, tendo como referência a Fazenda Lageado, que no início dos anos 1930 foi comprada pelo Governo Federal através do Departamento Nacional do Café, que instalou uma Fazenda Experimental do Café, colocada à disposição do Ministério da Agricultura, a qual funcionou por mais de trinta anos até ser cedida para utilização e instalação de algumas das atividades da Faculdade de Agronomia, integrante da FCMBB (Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas), hoje pertencente a UNESP. (FIGUEIROA, 2007)

Maressa de Freitas Vieira (2009), em sua tese de doutorado apresentada à USP (Universidade de São Paulo), afirma que o saci está presente nas narrativas orais vivenciadas nas fazendas de café, as quais possuíam muita mão-de-obra de escravos negros e que, ao utilizar a estrada de ferro para escoar a produção, escoavam também as histórias desse ambiente.

Algumas pessoas de Botucatu vivenciaram essa fase das fazendas de café e das histórias de saci, contadas pelos antigos moradores, no entanto com a chegada da energia

elétrica, com o crescimento da cidade e com a crise do café, essas histórias começaram a desaparecer até que um grupo começou a comentar que “criava” saci na cidade e organizou o Festival Nacional do Saci.

Esse evento deu origem a uma polêmica em Botucatu, devido parte da população não identificar a figura do saci como pertencente ao imaginário local. Assim, levando em conta o processo do turismo cultural, esse trabalho teve como base o questionamento se o saci foi imposto como identidade municipal ou se houve um grupo que se apropriou desse mito para desenvolver um circuito econômico sustentável que leve a um turismo emancipador, considerando sempre qual o sentido do saci para Botucatu.

De acordo com Canclini (1988) o modo de produção capitalista estabelece novas estratégias de exercício de hegemonia a partir da construção de consensos sociais, que de um lado é garantido pelo acesso desigual aos capitais econômicos sociais culturais dos setores hegemônicos e subalternos e por outro uma nova possibilidade é redesenhada para a compreensão dos processos de reconstrução da esfera pública a partir do campo das culturas populares que ao garantirem uma maior visibilidade configuram-se como campo para discussão de um projeto alternativo de sociedade.

Portanto, essa pesquisa buscou avaliar este quadro na realidade de Botucatu e compreender o Festival Nacional do Saci, assim como as práticas e comunicações resultantes como objeto de estudo científico avaliando-a tanto como mercadoria para expansão do turismo, como para compreender o seu potencial como portadora de ações concretas na construção da cidadania e no fortalecimento de laços sociais e identitários.

## 2. AS TRANSFORMAÇÕES DO SACI

### 2.1. A MISCIGENAÇÃO DO SACI

Luis Câmara Cascudo, em seu livro “Geografia dos Mitos Brasileiros”, afirma que os mitos no Brasil derivam de três origens essenciais: a portuguesa, a indígena e a africana. Segundo o autor, os portugueses, através dos bandeirantes levaram a todo país, seus mitos e sua herança de origem peninsular. Os índios, ao acompanharem os bandeirantes, foram nomeando os lugares por onde passavam e “seus mitos, logicamente, foram os primeiros catalogados e logo confundidos com os dos portugueses.[...] completando-se aqui, avivando características além.” (CASCUDO, 2002: p. 51) Já o negro tinha a base de seus mitos na religião, inseridos em um contexto cheio de rituais e cerimoniais.

O pesquisador do folclore nacional completa ainda que nossos mitos são de “movimento”, pois estão relacionados às bandeiras e ao desbravamento de um mundo desconhecido.

Dessa forma ele considera o mestiço, não em sua conceituação étnica, mas o “filho de pais de raças diversas”, quem melhor disseminou os mitos nacionais Brasil afora, acompanhando as “bandeiras”, realizando “inconscientemente a miscigenação dos mitos”. (CASCUDO, 2002: p.54)

Um dos mitos mais famosos no Brasil é o saci, figura mítica que passou por diversas transformações simbólicas, ganhando visibilidade através da literatura de Monteiro Lobato e de sua apropriação pela mídia, que gerou diversas discussões sobre o assunto.

O Dicionário do Folclore Brasileiro descreve o saci como um

negrinho com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto.[...] Há muita documentação sobre o Saci. Os cronistas do Brasil colonial não o mencionam. Parece ter nascido no século XIX ou final do antecedente. É conhecido também como Matintapereira, Maty, Saci-Pererê. As informações sobre o mito são muito controvertidas: pode surgir como assombração ou visagem, assustando as pessoas. Às vezes torna-se mulher ou se transforma em passarinho assobiador. (CASCUDO, 2001: p.610)

Câmara Cascudo (2002) relata a ausência do saci nas narrativas de cronistas do Brasil colonial que descreveram vários mitos que encontraram nos primeiros séculos da colonização, o que o faz crer que ele seja uma invenção dos Tupi-Guaranis, tendo vindo pelo Paraguai-

Paraná, zona do centro de dispersão desse povo, já que sua presença é mais forte no sul que no nordeste do país e suas tradições são mais vivas nos países que circundam o Brasil. Uma característica que o autor julga bem brasileira é o uso do fumo, já que o indígena ensinou o colono a fumar, o que reforça sua tese do saci ser uma criação indígena.

Várias são as narrativas sobre o saci pelo mundo. O próprio Cascudo descreve relatos de saci ou seres muito parecidos a ele em várias partes do globo como Argentina, Uruguai, Paraguai, Alemanha, Portugal, entre outros, sendo que em cada local ele tem a sua particularidade, em alguns, por exemplo, ele aparece como ave, o *Tapera naevia*, popularmente conhecido como Peitica, Sem-Fim, Mati-taperê, Matinta-Perera, dependendo da região.

Evandro Camargo, em sua tese de doutorado, ao analisar os estudos sobre o saci ave, afirma que:

Justamente por seu caráter agourento e por seu canto desnorteante, o saci ave é, muitas vezes, confundido com outro mito ornitológico do mundo amazônico: a matintapereira, ou mati-taperê. Algumas aves que são apontadas como sendo a matinta são também consideradas como sendo o saci, como a Tapera Naevia já mencionada ou a Cuculus caianus, tidas, simultaneamente, tanto como saci quanto como matinta. Algumas dessas aves, como observam seus estudiosos, têm o curioso hábito de pousarem sobre uma só perna, dando a impressão de serem unípedes, aliás, como o saci moleque. (CAMARGO, 2006: p. 149-150)

Na Argentina, no Uruguai e no Paraguai o saci, conhecido também como Yacy-Yateré, é vermelho, anão e possui um bastão de ouro ou varinha mágica (atributo europeu) com funções semelhantes à carapuça vermelha do saci relatado no Brasil. (CASCUDO, 2002)

Na Europa existem vários duendes e seres poderosos que se assemelham ao saci nas suas travessuras e vivem assombrando os homens como o Kodolde, os Elfos, os Gobelins, entre tantos outros.

Em vários depoimentos recolhidos por Monteiro Lobato em “O Saci-Pererê, Resultado de um Inquérito”, o saci aparece com a mão furada, o que, como demonstra Vieira, em sua tese de doutorado, é uma influência das narrativas portuguesas sobre o Pesadelo, também conhecido como Fradinho da mão-furada, diabo com a mão pesada que usa um barrete vermelho na cabeça como o saci e a ele são atribuídos os grandes pesadelos. (VIEIRA, 2009: p. 30)

Como pode se notar, o saci em sua origem não é apenas aquele moleque travesso de uma perna só que a mídia nos apresenta. Há relatos de que ele é um ser demoníaco, peludo, com chifre e rabo, que cheira enxofre, como aponta Vieira (2009) em sua tese, o que

demonstra que ele sofreu várias alterações até se tornar a figura tão conhecida pelos brasileiros de hoje. (p. 59)

## 2.2. SACI LOBATIANO: UMA FORMA DE DOMINAÇÃO?

Tantas são as controvérsias sobre o saci que há quem diga que ele não passa de uma forma de dominação das classes subalternas, assim como os que dizem que ele é apropriado por essa classe para ser o culpado por seus erros e traquinagens.

Monteiro Lobato era um autor muito nacionalista, conhecido por sua xenofobia, assim a ideia de utilizar *O Estadinho*, edição vespertina de *O Estado de S. Paulo*, para realizar sua pesquisa sobre o saci surgiu com o objetivo de ressaltar o folclore nacional ao invés dos “anões entrajados à alemã” que se espalhavam pelos jardins de São Paulo.

No entanto, como aponta Renato da Silva Queiroz em seu estudo antropológico sobre o saci, o jornal, principalmente naquela época, é um meio dirigido às pessoas alfabetizadas, elitizado, no qual era necessário certo grau de poder aquisitivo para se ter acesso a mídia impressa, o que o leva a concluir que os depoimentos colhidos no *Inquérito* traduzem ideias das classes dominantes. (QUEIROZ, 1987: p. 58)

Evandro Camargo (2006), em sua tese sobre a obra de Monteiro Lobato, aponta como Queiroz em seus estudos demonstra uma série de preconceitos encontrados nos relatos dos colaboradores da pesquisa sobre o saci, comparando, por exemplo, os estereótipos depreciativos do saci com os definidos aos negros da sociedade brasileira, ou ainda como esse personagem expressa a “mentalidade supersticiosa e grosseira dos caipiras, aos quais se atribui a paternidade da ‘crendice’, concordando com os interesses ideológicos dessa classe dirigente em discriminar negros e caipiras. (QUEIROZ, 1987: p. 70-71)

Levando em conta a tese de Queiroz (1987) de que “[...] as representações coletivas acabam sendo apropriadas, redefinidas e utilizadas de acordo com interesses de grupos, classes e etnias” (p. 92), pode se afirmar que o saci foi utilizado tanto pela classe dominante, ao discriminar as culturas subalternas da sociedade, como por esta que se apropriou dessa lenda como desculpa aos seus interesses, ou seja, na época era interessante ao negro escravo colocar a culpa de um utensílio quebrado ou um deslize qualquer ao saci, do que ser punido duramente por isso. No entanto, como demonstra Vieira (2009) em seu trabalho de campo,

hoje as pessoas ainda se utilizam disso atribuindo a culpa de seus “erros” ao saci, fazendo-o se tornar a causa dos problemas de seus narradores. (p.114)

Visto por este prisma, o saci é um mediador, errante e solitário, que transita pelas fronteiras das classes e etnias. A sua perna única poderia traduzir justamente esta impossibilidade de se fixar no interior de qualquer um desses grupos. (QUEIROZ, 1987: p. 93).

Talvez até por esse fato de conseguir transitar entre as classes sociais ele tenha se tornado uma figura tão popular num país com uma diversidade cultural tão grande como o Brasil.

Vieira (2009) atribui esse papel nacionalista ao saci, por ele tentar demonstrar a formação brasileira, aqui ela se refere a “Fábula das três raças”, de Mouza (1990), que afirma que “o país se consolidou com a mistura de três raças: índios, brancos e negros”, na qual a fábula ameniza as diferenças entre essas raças e as transforma em contribuições as qualidades do povo brasileiro.

Em sua tese ela ainda comenta sobre a hipótese de existir um saci globalizado, o qual tem grande influência dos textos de Monteiro Lobato e tornou-se um saci “domesticado” que não é mais endiabrado, nem cheira a enxofre, mas é tratado como um “bichinho de estimação”, no qual suas diabruras viraram travessuras e ele até se tornou o guardião da floresta, e pode ser o mascote da Copa de 2014, segundo campanha da ONG SOSACI (Sociedade dos Observadores de Saci).<sup>2</sup>

Vieira (2009) acredita que essas ONGS se baseiam na proposta de Adorno de que a “Indústria Cultural mercadifica os bens culturais” (p. 112) transformando o saci em um produto cultural a ser vendido para o mundo. No entanto, por outro lado ele também aparece como forma de resistência ao instituir seu dia exatamente na data de comemoração do *Halloween*.

Outra forma de saci seria o que ela classifica de “saci oral”, aquele baseado nas narrativas de pessoas que “vivenciaram” histórias de saci. Já nesse caso o saci não é a mesma criatura dócil das histórias infantis, mas um saci tido como demônio, até mesmo por suas narrativas se assemelharem bastante as do diabo. (VIEIRA, 2009: p.113)

---

<sup>2</sup> Reportagem anexa.

## 2.3 MIGRAÇÃO DO SACI PARA BOTUCATU

Vieira (2009) demonstra que a ferrovia ajudou na expansão do país, principalmente do estado de São Paulo, trazendo não só inovação tecnológica como a cultura de vários imigrantes, ajudando assim a criar essa miscigenação existente no país. Para ela as narrativas sobre o saci, que possuem como plano de fundo as fazendas de café, se escoaram pelo país através das estradas de ferro que levavam o café até o Porto, levando também as narrativas dos negros escravos. (p. 52)

A Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCS) ficou conhecida quando José Oswaldo, presidente da associação, começou a participar dos shows do músico Paulo Freire, no qual em determinado momento ele contava histórias sobre o saci. Com isso algumas matérias foram divulgadas na mídia. Uma das integrantes do grupo chegou a dar uma entrevista no programa da Ana Maria Braga, na Rede Globo, o próprio José Oswaldo deu entrevista no programa do Jô Soares, na época do SBT, e após isso a cidade de Botucatu começou a se tornar conhecida como a “Terra do Saci”.

Como pode se observar, a mídia teve grande influencia na criação desse título para cidade, o que talvez seja um dos motivos por criar tanta polêmica quanto ao assunto.

A revista Caros Amigos divulgou que para José Oswaldo, o criador de saci, além de cuidar para que sua população cresça na mata, ele também cuida da criação na cabeça das pessoas.<sup>3</sup>

Com isso foi criado o Festival Nacional do Saci, que ocorre há 12 anos e na maioria das suas edições contou com o apoio da prefeitura municipal. Interessante registrar que no ano em que a prefeitura disse que não realizaria mais a festa, transformando-a em Feira do Folclore, os próprios artesãos se organizaram, foram às rádios, conseguiram patrocínio e realizaram o festival. Esse fato mostra como o saci também pode ser um personagem de resistência, que foi apropriado por essa comunidade dos artesãos que hoje contam com o apoio da prefeitura, expondo suas obras de arte sobre o saci em feiras itinerantes da cidade.

---

<sup>3</sup> Entrevista completa em anexo.

## 2.4. SACI COMO POSSIBILIDADE

Segundo Maria Nazareth Ferreira (2006a), as festas populares tem tido uma crescente valorização no universo do turismo, sendo vista como mercadoria, que pode ajudar a construir a cidadania e reforçar laços sociais e identitários, já que por terem o caráter de transformar um indivíduo comum em protagonista daquele evento, tornam-se um elemento aglutinador da realidade das comunidades envolvidas, sendo um fator de conscientização e participação social.

Para Ferreira (2006a) a festa pode ser analisada por dois aspectos: o fator econômico, ao se tornar uma ‘mercadoria’ para a expansão do turismo e como instrumento para a compreensão dos fenômenos de comunicação entre as classes subalternas.

Lanternari argumenta que fazer festa é buscar sua identidade, encontrando-se a si mesmo, reencontrando as garantias histórico-culturais no ato comunicativo e comunitário, o que Ferreira completa que é um ato conflitivo por incorporar novos valores aos tradicionais. (Lanternari apud Ferreira, 2006a)

Devido à comunicação midiática e ao consumo alienado, que tendem a uma padronização de hábitos, valores e ideologias, as pessoas e principalmente as comunidades mais expostas ao turismo predatório, tem perdido cada dia mais sua identidade cultural.

Segundo Ferreira (2006a), a festa tem a capacidade de transcender o tempo e trazer à realidade experiências vividas por povos em épocas distintas, aflorando os usos e costumes vivenciados pela cotidianidade, mostrando a verdadeira face de um povo. Ela recolhe experiências vividas em separado, acrescentando o que no cotidiano é considerado descontinuado, estabelecendo uma relação de reprodução e inversão, no sentido que o tempo mítico inverte a realidade cotidiana e, através da performance, reproduz o mundo cotidiano, juntando-se a dialética de tradição/inação, no sentido que a festa é a mesma todo ano, porém a cada ano ela incorpora novos elementos, tornando-se diferente das de outros anos.

Continuando seu pensamento ela afirma que as festas populares tornaram-se um atrativo para incrementar as economias locais, sendo consideradas um produto cultural para a expansão do turismo local, gerando renda para a cidade.

Em Botucatu, o Festival Nacional do Saci, é uma festa que tem incrementado o turismo local. Os artesãos mobilizaram-se para se especializarem no tema saci e hoje em dia suas obras de arte são conhecidas não só nas cidades da região como também na Europa. A culinária local tem se profissionalizado em alimentos naturais que seriam do agrado do saci e

há também uma forte exploração do ecoturismo para atrair visitantes à cidade, devido ao potencial ecológico do local.

Com essa relação o saci tem sido utilizado tanto pela classe dominante quanto pela classe subalterna em uma relação de hegemonia/consenso.

García Canclini (1988) busca romper com a ideia da teoria da dependência ao propor a relação hegemonia/consenso. Existem interesses comuns que se entrelaçam, além do uso de linguagens e códigos cotidianos utilizados pela classe hegemônica que pertencem às classes populares, o que faz com que elas se identifiquem e criem um consenso entre si. No entanto, atualmente existe um processo de rearticulação da cultura hegemônica, que ele denomina de transnacionalização da cultura e que reconfigura o modo de produção capitalista, estabelecendo novas estratégias do exercício da hegemonia, forçando uma transformação do que se chama de cultura popular e também possibilitando a construção de culturas alternativas.

Portanto a hipótese central desta pesquisa é que existe a emergência de outro sentido para a festa do Saci avaliando as práticas culturais e comunicacionais resultantes como campo de fortalecimento dos laços identitários das comunidades locais envolvidas.

### 3. METODOLOGIA E FILOSOFIA DA PRAXIS

Ao longo de sua história, o ser humano é capaz de acumular conhecimentos. O método tradicional de ensino é feito de forma expositiva, na qual o aluno assimila o que lhe foi ensinado e reproduz esse conhecimento produzido por outra pessoa. No entanto, as pessoas possuem a capacidade de acumular não só os conhecimentos que lhe foram repassados por um professor, como também os que são derivados de sua vivência, sua experiência específica e suas observações pessoais, assim como outros métodos de conhecimento.

Maria Nazareth Ferreira (2006b), no livro “Alternativas metodológicas para a produção científica”, define a ciência como “*um sistema de conceitos, um conjunto de teorias que refletem o objeto estudado e as leis que o regem.*” (p. 23)

Assim, o saber deve estar contextualizado, estando relacionado ao seu contexto histórico e a cada nova descoberta ele se transforma, participando de uma lógica dialética, ou seja, um processo não linear que evolui para outro conflito.

A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na ideia gramsciniana da Filosofia da práxis, na qual as concepções teóricas são confrontadas com a realidade em análise.

Para Gramsci filosofia da práxis é a atividade teóricopolítica e histórico-social dos grupos ‘subalternos’ que procuram desenvolver uma visão de mundo global e um programa preciso de ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando a construir um projeto hegemônico alternativo de sociedade. (SEMERARO, 2005: p.30)

Dessa forma, dentro desse método dialético, utilizou-se como principais estratégias metodológicas a observação participante, através do acompanhamento do Festival Nacional do Saci, ocorrido em Botucatu durante os dias 21, 22 e 23 de outubro de 2011 e entrevistas semi-estruturadas e livres com pessoas que circulavam na festa, artesãos que expunham seus trabalhos, membros da Associação Nacional dos Criadores de Saci e da Prefeitura Municipal de Botucatu.

O objetivo das entrevistas com as pessoas que frequentaram o Festival foi identificar pontos positivos e negativos da figura do saci para a população de Botucatu, tanto no aspecto cultural quanto turístico, identificando se essa relação realmente faz parte da cotidianidade da cidade ou apenas de um grupo.

Já o das entrevistas realizadas com a Prefeitura Municipal de Botucatu foi analisar junto aos órgãos públicos locais, seu posicionamento sobre o processo do título de “Cidade do Saci”, avaliando seu potencial dentro do processo de turismo cultural e a que foi a realizada com o grupo da Associação Nacional dos Criadores de Saci e com os artesãos teve o objetivo de analisar como a cultura popular e a lenda desse mito se proliferaram na cidade, identificando qual relação o saci tem com os setores subalternos.

Realizou-se ainda a análise dos meios de comunicação local, a fim de analisar as práticas e comunicações resultantes desse processo da festa, do artesanato e da oralidade para avaliar as possibilidades de construção de elos identitários e comunicacionais.

## **4. FESTIVAL NACIONAL DO SACI COMO OBJETO DE ESTUDO CIENTÍFICO**

### **4.1. MASSIVO E POPULAR: O SACI QUE TRANSITA ENTRE AS CLASSES SOCIAIS**

O Festival Nacional do Saci ocorre há 12 anos na cidade de Botucatu, sendo que sua primeira edição foi uma parceria entre a ANCS e a Secretaria da Cultura da cidade, com o objetivo de resgatar o folclore nacional.

Antigamente o festival acontecia em agosto por ser o mês do folclore, hoje existe uma lei municipal que instituiu dia 31 de outubro como o dia do saci e por esse motivo ele foi transferido para esse mês. Assim, em agosto a Secretaria da Cultura realiza o Festival do Folclore e em outubro a Secretaria do Turismo realiza o Festival Nacional do Saci, que desde a primeira edição conta com a participação e engajamento do pessoal da Associação Nacional dos Criadores de Saci.

A cada ano a festa se desenvolve e se transforma, ocorrendo sempre de uma forma diferente, comprovando o pensamento de Ferreira (2006a) de que a festa é a mesma todo ano, porém a cada ano ela incorpora novos elementos, tornando-se diferente da dos anos anteriores.

No ano de 2005, por exemplo, o festival contou com atividades como gincana com crianças, oficina de pífano (aprendizado de como manufaturar e como tocar o instrumento), oficina de contação de história e produção de artesanato sobre o saci, apresentação de danças folclóricas, teatro de fantoches sobre figuras míticas da cultura popular brasileira e shows musicais.<sup>4</sup>

Já no ano de 2011, a festa teve uma divulgação diferenciada que contou com uma trupe de circo caracterizada que circulou pela cidade divulgando o evento nos semáforos e restaurantes. Várias placas foram espalhadas pela cidade com desenhos sobre o saci criando

---

<sup>4</sup> Programação em anexo.

uma expectativa sobre a festa. Durante o evento havia uma área de exposição, com artigos de Botucatu, como artesanatos sobre o saci, culinária típica, camisetas e adesivos da ANCS, o Bar do Nerso e seus artigos que contam a história de Botucatu, além de stands de outros mitos como o Lobisomem de Joanópolis, tudo acompanhado de atrações musicais.

Para o festival de 2012 a Subsecretaria de Turismo pretende aumentar a área de exposições do Festival, trazendo mostras do Museu do Boiadeiro e do Caboclo.

A mídia influencia muito os movimentos populares. Na pesquisa de campo averiguou-se que Joanópolis, cidade do interior de São Paulo, possui uma história semelhante a de Botucatu, sendo conhecida como a Terra do Lobisomem.

Ao conversar com membros da prefeitura de Joanópolis que estavam expondo a sua cultura, na 11ª Edição do Festival Nacional do Saci, é possível notar que tanto o título da Terra do Saci em Botucatu, quanto o de Cidade do Lobisomem em Joanópolis teve seu ápice através da divulgação na mídia. Em Botucatu foi quando os membros da ANCS começaram a aparecer em programas de televisão divulgando que criavam saci e o de Joanópolis foi através de um comercial do Mc Donald's, que fazia a comparação de um lanche com a cidade do Lobisomem.

Segundo depoimentos do pessoal da ANCS, Joanópolis se inspirou neles para criar a Associação dos Criadores de Lobisomens. Os dois grupos mantêm contato e trocam experiências do que cada um faz e está dando certo, participando de Feiras Culturais a fim de divulgar o folclore brasileiro.

Valdirene Ricanelo, secretária de Turismo de Joanópolis disse que “eles tem trabalhado muito um turismo imaginário”, inclusive eles tem impedido que a mídia faça matérias sobre o horror relacionando o Lobisomem à cidade, ridicularizando a imagem do mito.

Se for para essa parte do horror, de ridicularizar a imagem, a gente não deixa mais, então o que nós queremos: o folclore e o turismo imaginário, que a criança que chega ela possa brincar. A gente tem pijama, camiseta, caneta, entendeu? (informação verbal)<sup>5</sup>

Como pode ser observado esse turismo imaginário, transforma o Lobisomem em um prouto cultural a ser explorado, assim como transforma o saci em uma mercadoria.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao autor em 22/10/2011.

Vieira aborda isso em sua tese, afirmando que essa “domesticação” dos mitos são advindas da globalização, que modifica essas lendas para adequa-las ao contexto atual.

Como mercadoria, temos o fato de a imagem do saci ter se modificado para se adequar ao contexto atual: descaracterização demoníaca (o Saci não é mais perigoso), alimentação igual a dos animais (banana, broto-de-bambu), tentativa de aproximação das crianças (o Saci fez o netinho de uma das informantes dormir), proteção das florestas (Saci ecologicamente correto). [...] Portanto, as transformações culturais e tecnológicas advindas da globalização influenciaram consideravelmente as narrativas sobre o saci, dando-lhes novas formas, sentidos, valores e modos de existência na sociedade. (VIEIRA, 2009, p: 115-116)

Ao adequar as lendas ao contexto atual, os personagens sofrem alterações em suas caracterizações, por exemplo, a Associação Nacional dos Criadores do Lobisomem criou o bebê lobisomem com o objetivo de atrair as crianças, tornando-o um “mascote” da cidade, assim como o Saci em Botucatu. Fato que gera além de turismo, receita as comunidades que manufaturam esses produtos, além de propagar o folclore impedindo que ele desapareça do imaginário local.

Em 2009, a prefeitura não apoiou a realização do Festival, retirando-o da programação oficial do município, no entanto, os próprios artesãos se reuniram e foram em busca de patrocínio para realizá-lo, sendo inclusive pauta de entrevistas nas rádios da cidade.

Para Thiago Donini, assessor da Secretaria de Turismo, esse fato demonstrou “um envolvimento da comunidade em busca de uma causa que eles acreditam”, assim eles tiveram um retorno de que a comunidade se apropriou do tema e hoje a prefeitura é parceira desse evento que

[...] não é uma festa da prefeitura, é uma festa da população de Botucatu, da comunidade de Botucatu, que o apoio da prefeitura facilita na parte de atrações, principalmente de estrutura, mas é uma festa popular, que é feita com a população de Botucatu. (informação verbal)<sup>6</sup>

Ao questionar Jose Oswaldo Guimarães sobre o assunto ele afirmou que:

[...] esses mitos eles são maiores que as religiões, do que a população, do que a prefeitura, digamos assim, e maior do que a associação. A associação é uma associação dos criadores de saci, mas o saci existe antes dos criadores, existe antes da prefeitura, antes da associação, ele é muito maior que isso e isso é uma coisa que a gente num pode perder a dimensão, né? (informação verbal)<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Tiago, assessor da Secretaria de Cultura de Botucatu em 24/02/2012.

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Jose Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS em 23/10/2011.

Dessa forma é possível observar que o Saci sempre existiu, porém ao longo dos anos ele foi apropriado por grupos distintos, sofrendo alterações para resistir a lógica mercadológica existente na sociedade neoliberal padronizadora, a qual a mídia exerce uma grande influência. Assim, nessa trajetória a mídia se apropriou da imagem do Saci transformando-o em um ser pacífico, a prefeitura o transformou em um produto turístico, os artesãos em forma de sobrevivência, as associações em um elo de divulgação do folclore, e ainda é possível encontrar nesse tramite a resistência das pessoas que não se identificam com essa figura.

Em Botucatu é possível notar o interesse em utilizar o saci como produto cultural para um turismo que traz benefícios a comunidade, ao qual Ferreira (2006) classifica de “Turismo Emancipador”, não só pela prefeitura como também pelos artesãos que o reproduzem e até mesmo o exportam para países da Europa, o que demonstra que essa comunidade de artesãos se apropriou do Festival do Saci para expor seus trabalhos e sua culinária.

Para a secretaria do turismo o saci pode influenciar o turismo na cidade, já que Botucatu possui alto potencial para o ecoturismo e eles relacionam o mito a um guardião das matas, talvez por isso a cidade seja conhecida como a terra do saci com maior intensidade fora de Botucatu que na própria cidade, o que faz com que a prefeitura se empenhe para realizar um trabalho de conscientização dos munícipes, mostrando a importância dessa figura folclórica.

Botucatu ainda é conhecido como a cidade do saci mais fora de Botucatu do que dentro de Botucatu, por isso esse trabalho de conscientizar aqui, conscientizar o pequeno restaurante, conscientizar o comércio, tentar agregar valores pra deixar a festa mais forte aqui, pra quando o turista vier a cidade estar preparada e ele se sentir que esta na cidade do saci mesmo. [...]

(O Saci) Tem a ver com todos os aspectos que é bom pra cidade e a gente quer trabalhar isso e a gente acredita que Botucatu é a terra do saci, é a terra da aventura, que o saci protege as nossas matas, ajuda a divulgar a cidade. A gente quer. A gente acredita que Botucatu é a terra do saci. (informação verbal)<sup>8</sup>

Thiago Donini, afirmou que existe uma relação de parceria da prefeitura com os artesãos, que são cadastrados pela SUTACO (Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades), podendo assim atuar com carteirinha e tirar notas fiscais nas feiras realizadas pela prefeitura.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Tiago, assessor da Secretaria de Cultura de Botucatu em 24/02/2012.

Há ainda um treinamento junto ao SEBRAE, para as pessoas envolvidas com a culinária típica do saci, chamado ALIMENTO SEGURO, que as capacita para que elas possam trabalhar de acordo com as normas da Vigilância Sanitária.

Pode se concluir assim, que a partir do momento em que algumas pessoas da cidade começaram a divulgar que criavam saci em Botucatu criou-se um atrativo, que inicialmente teve o apoio da Secretaria da Cultura com o objetivo de resgatar o folclore nacional, criando com isso uma identificação dos artesãos que começaram a explorar esse tema e divulgá-lo ainda mais, sendo atualmente explorado como um produto cultural pela Secretaria do Turismo que tem o objetivo de atrair turistas ao município e também de criar elos mais fortes, a fim de que cada dia mais moradores se identifiquem com a figura do saci.

Por outro lado, nem toda população gosta ou concorda com a cidade ser considerada a terra do Saci, mas por que há tanta polêmica sobre o assunto?

Ao abordar Jose Oswaldo Guimarães sobre isso ele acredita que o tema cause essa discussão por falta de conhecimento, já que há quem confunda o mito com religião ou com política.

Essa ideia também pode ser observada no discurso de uma artesã que acredita que esse preconceito seja advindo de uma cultura religiosa que não admite que exista esses mitos, o que ela respeita, mas para ela o saci é apenas uma grande brincadeira que ela acredita que venha ganhando adeptos, já que a procura pelos artesanatos do saci é muito grande.

Muitos moradores não se identificam com esse personagem e acreditam que ele não faça parte do imaginário local.

Clayton Leal da Silva, pós-graduado em Ciências Sociais e Religião, Pastor da Catedral Evangélica de Botucatu, publicou o artigo “O Saci ao Averso”, no Jornal Diário da Serra, de 1 de novembro de 2011, falando sobre o saci e o festival ocorrido na cidade, afirmando que “O Saci botucatuense é um saci redesenhado, reintroduzido, apropriado. É um saci bordado para vender. Só virou festa porque caiu na graça da mídia, fez sucesso. A terra das boas escolas agora virou a terra do saci.”

Silva (2011) continua seu relato fazendo comparações do saci com a realidade atual, ele coloca o saci como uma criança que fuma cachimbo e comenta sobre as campanhas antitabagistas e as inúmeras crianças que se encontram usando drogas nas ruas como o crack,

que também é fumado com um cachimbo. Para ele o “saci justifica a mentira e a malandragem, [...] é um folgado travesso, ele não trabalha [...] O saci leva as crianças desobedientes à mata [...] O Saci pode incentivar o racismo”. Para cada um desses itens ele critica o saci, afirmando que as crianças aprendem a não trabalhar, crescem com medo e ainda aprendem a mentir e a discriminar os negros e conclui dizendo:

É preciso virar o bordado do avesso para ver além das traquinagens matreiras o que o mito do saci pode esconder, representado na figura de uma criança negra, deficiente física, viciada em cachimbo e malandra. O mito do saci vem carregado de imagens e valores, ainda que simbólicos que não convém ensinar as crianças. (SILVA, 2011: p. b1)

Esse artigo foi veiculado em um jornal de elite e seu autor é Pastor da Catedral Evangélica, ou seja, um formador de opinião. Será que todo esse preconceito não está de fato relacionado a influencia da religião e da falta de informação sobre o surgimento da lenda, como afirmam as pessoas que defendem a figura do saci?

Atualmente existe uma forte discussão sobre a necessidade de um planeta sustentável, o resgate do mito do saci, dessa forma carismática, guardião da floresta e educador das crianças não seria uma forma de se alcançar esse objetivo de conservar o planeta?

## **4.2. SACI COMO MEMÓRIA, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO**

Para as artesãs entrevistadas no Festival o saci é visto como uma lenda, mas em seu discurso é possível notar como esse mito se tornou um produto cultural que elas inclusive exportam para a Europa:

[...] os nossos sacis são até importados, já tem diversas partes da Europa saci que foi levado daqui da feirinha, então ele é muito conhecido e a cidade está se tornando conhecida por causa desse movimento e das atrações que a gente traz envolvendo a figura do saci, porque aí você vai ver o saci na garrafa, o saci no lápis, o saci na xícara, o saci nos imas, na madeira, o saci pintado em tela, que trazem as matas, né, então a pessoa desenha e ali ela elabora a sua tela em cima desse tema. (informação verbal)<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida a autora em 22/10/2011.

Uma das artesãs entrevistadas comenta que o saci é uma lenda alegre que combina com Botucatu que é uma cidade com um povo bem brasileiro, pois além de ser unido tudo acaba em festa.

Ao entrevistar os visitantes do Festival do Saci, as opiniões eram muito diversas quanto a aceitação do título de Botucatu: Terra do Saci, no entanto mesmo as que não concordavam com esse título concordavam que o saci encanta por sua parte mítica e sua mistura de raças.

Robert, visitante do evento, acredita que o título de Terra do saci deve acontecer naturalmente e não como uma imposição, porém faz um comentário interessante sobre o mito:

Tem um monte de gente que fala: ‘ahh isso num faz parte do nosso imaginário’, pode até num fazer mesmo, principalmente pra uma geração que pegou aí o processo de urbanização muito forte, mas eu tenho certeza que nos antigamente tinha história de saci, tinha história de tudo quanto é coisa, curupira, mula-sem-cabeça e tal.

A família do meu pai era de São Pedro, quando eu era pequeno eu ia muito pra lá e a tia do meu pai sempre contava umas histórias de saci. [...] E acho que falta muito disso, acho que falta muito um imaginário lúdico assim pras crianças de hoje, que já vem tudo pronto com televisão e nada contra, adoro televisão, adoro cinema, adoro vídeo-game, mas acho que tem que ter esse contra ponto também. (informação verbal)<sup>10</sup>

De encontro a esse comentário podemos citar um trecho da entrevista do José Oswaldo, presidente da ANCS onde ele afirma que “o pai do mito é o medo” e que muito do folclore nasceu da ideia das matas exuberantes que existiam no Brasil, coisa que não acontece nas matas reflorestadas, as quais as pessoas não tem medo de entrar.

Quando você ia numa floresta escura que tivesse um monte de árvores de tamanhos diferentes, barulhos diferentes, então tinha formas e sombras e reflexos que davam a ilusão do medo e com uma floresta só de pinhos, por exemplo, não tem nada né, então os caras não tinha medo, então era essa jogada. (informação verbal)<sup>11</sup>

O presidente da associação completa ainda que eles nunca trabalharam com uma imagem do saci, pois eles acreditam que devem incentivar o lado da criação, da imaginação que está sendo deixada de lado atualmente, por isso eles trabalham “com alguns elementos

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida a autora em 22/10/2011

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Jose Oswaldo Guimarães, presidente da ANCS em 23/10/2011.

que puxassem na memória, porque daí as pessoas resgatam o saci que elas tem na memória delas”.

Assim é possível notar que parte da população remete o saci ao lado lúdico, trabalhando com a imaginação e a memória das pessoas, coisa que tem sido abandonada pelas novas gerações que nascem na era da informática, na qual a oferta de mercadorias é tão diversa que não estimula a imaginação, já traz tudo pronto.

Levando por esse lado da imaginação um bom exemplo encontra-se em Ramiro Viola e Pardini, dupla caipira de Botucatu, existente há 11 anos, com 7 CDs gravados, apaixonados por música raiz, divulgando-a não só no Brasil como no exterior.

Na música “Saci Pererê” de Ramiro Viola<sup>12</sup>, pode se notar várias versões do saci: o oral, o literário, o mítico, entre outros aspectos.

Na primeira estrofe ele se refere ao saci oral, às histórias contadas pelos antigos, já na segunda estrofe ele remete o saci ao ambiente das fazendas, subentendendo que o saci era um garoto, filho de escravos, que perdeu a perna na moenda da fazenda onde o pai trabalhava e como já citado anteriormente nas fazendas, inclusive na região de Botucatu onde a agricultura cafeeira era predominante, era muito comum os trabalhadores serem negros escravos.

Na terceira estrofe ele narra a parte mítica do saci e as suas traquinagens. Já na quarta estrofe ele se refere ao saci de Botucatu, apoiado na história da ANCS de que o saci veio de Minas Gerais e a completa com o “calçãozinho azul”, provavelmente referindo-se a cor da bandeira do município.

Por fim, na última estrofe mostra o saci como guardião das florestas e como um personagem de Monteiro Lobato, em uma figura “domesticada”, como já demonstrada anteriormente.

Durante as entrevistas realizadas com a dupla Ramiro Viola e Pardini, após seu show no Festival do Saci, Ramiro narra que

[...] a gente canta moda de viola, música raiz e não tem como cantar moda raiz sem contá as história que a gente conhece, um deles, por exemplo no caso aqui, é o saci que é muito representativo pra nossa cidade, pra nossa dupla, que somos uma das pouquíssimas duplas que tem uma música falando do saci e tão atual um tema tão atual que a gente fez especialmente a convite do pessoal da

---

<sup>12</sup> Música completa em anexo.

Rede Globo que a gente fez isso aí pra cantar no dia do folclore que é dia 22 de agosto. E a gente gravou essa música num CD e pra gente é muito prazeroso a gente fala da nossa história e tudo que tá aí nessa música do saci, na letra, é história que o meu pai contava pra gente, que a gente morava na roça, no sítio e eu transcrevi esse meu pensamento, a minha vida pra música e nós gravamos essa música. (informação verbal)<sup>13</sup>

Nesse depoimento pode se observar novamente a influência da mídia sobre o Saci em Botucatu, já que a música foi feita a pedido de uma emissora de televisão.

Para seu parceiro Pardini, o Saci tem o papel de educar as crianças a preservar o meio ambiente.

O saci não gosta que destrua o meio ambiente, que devaste as matas, que corte as árvores e que polua o meio ambiente, então uma maneira de ensinar a criança a não fazer essas maldades com o nosso meio ambiente é dizer pra ela o que? Que o saci fica triste quando você devasta o meio ambiente, quando você polui um rio, quando você corta uma árvore, quando você suja com lixo doméstico, então o que acontece? A maior importância justamente é essa: é a preservação do meio ambiente. Que aí você ensina a criança a crescer com essa mentalidade, com essa ideia. (informação verbal)<sup>14</sup>

Observa-se assim que para ele estão presentes as ideias de Mouzar (2007), que o saci é o guardião da floresta, e de Vieira (2009) que ele servia para educar.

Jose Oswaldo também concorda com a ideia de Vieira, ao afirmar que os mitos foram inventados para colocar medo nas crianças, a fim de discipliná-las.

Assim pode se afirmar que existe uma ideia na cidade de um Saci utilizado de forma lúdica, que desperte a criatividade e a memória das pessoas, além de ser uma forma de educar as novas gerações.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Ramiro Viola em 22/10/2011.

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Pardini em 22/10/2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a sociedade vive de acordo com um modelo hegemônico imperialista e capitalista, que já demonstram sinais de esgotamento, porém ainda é muito forte e conta com o poder de uma mídia que dita tendências e impõe modelos.

No entanto mesmo com toda a influência da mídia a tradição oral também ocupa seu espaço resistindo ao modelo hegemônico e se transformando para sobreviver ao mundo globalizado.

O saci sofreu fortes influências durante sua existência e foi sendo modificado com o passar do tempo, agregando novas formas, novos sentidos, novos valores a fim de se adequar e permanecer existindo no contexto atual.

Muitas pessoas identificam o saci como um mito bem brasileiro por possuir características de vários povos, como portugueses, indígenas e africanos, com o diferencial de conseguir transitar entre popular e hegemônico, tendo em cada narrativa uma característica própria, sendo ora interessante a uma classe social ora a outra.

Talvez essa diversidade do saci seja o ponto que gera tanta polêmica sobre o mito, ele não é totalmente bom, nem totalmente mau, depende de que ângulo se analisa essa lenda.

Na cidade de Botucatu existem os que defendem e os que criticam o ser e seu relacionamento com a cidade. Existem ainda os que defendem por uma causa, os que se identificam, os que veem uma possibilidade de cultura alternativa e os que apenas acreditam que o saci seja uma lenda alegre que ajuda as pessoas a fugirem da sua realidade, migrando para um tempo mítico e festivo.

No entanto quem critica relaciona o mito a uma realidade pessimista dos dias atuais, relacionando sua figura a um ser politicamente incorreto, esquecendo-se de sua origem e construindo novos valores para seus símbolos.

Na verdade sempre irão existir as duas versões dos mitos, pois a cultura é algo em movimento, ela se transforma com o passar dos anos, a cada narrativa nova, pois o folclore deriva da tradição oral e esta tende a sofrer alterações com o passar do tempo. Vale considerar

ainda que a mídia tem uma forte influencia sobre essa transformação, assim como a religião e as novas tecnologias.

No entanto o que se observou no decorrer dessa pesquisa é que existe um novo sentido da Festa do Saci para as pessoas que estão envolvidas com esse tema. Para os artesãos a festa é o momento de divulgar sua arte sobre o saci, figura a qual eles se identificam e relacionam como um guardião das matas de Botucatu. Para a prefeitura é um atrativo para que os turistas venham a cidade e se encantem com outros aspectos além do Saci, como a sua própria história e seu turismo de aventura. Já para a Associação dos Criadores de Saci é uma forma de resgatar o folclore e fazer com que se discuta sobre o tema, incentivando sempre o lado lúdico das lendas.

Esses grupos tendem a divulgar cada vez mais o mito, a fim de angariar mais adeptos e criar uma identidade local, no entanto, sempre haverá quem não se identifique com o tema e acredite que esse imaginário não pertence à região.

Assim pode se dizer que o saci tem o dom de transitar entre as classes sociais e sua própria festa ora faz sentido aos processos hegemônicos sendo imposta como um turismo, ora faz sentido aos processos populares sendo apropriada pela população que realiza ela própria a festa como forma de resistência a uma imposição hegemônica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, Evandro do Carmo. **Um estudo comparativo entre O Sacy-Perêrê: resultado de um inquérito (1918) e O Saci (1921), de Monteiro Lobato.** Assis, 2006. 482 fl. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- CANCLINI, Néstor García, RONCAGLILOLO, Rafael. **Cultura Transnacional y Culturas Populares.** Lima: Ipal, 1988
- CASCUDO. Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 11 ed. São Paulo: Ilustrada, 2001.
- CASCUDO. Luis da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros.** 3 ed. São Paulo: Global, 2002.
- FERREIRA, Maria Nazareth, (coordenadora) **Projeto: “As espacialidades das culturas subalternas e o Turismo Emancipador”.** Relatório apresentado para o CNPq em 2006a.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica.** S. Paulo: CELACC, 2006b.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Cultura, globalização e turismo.** In: FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) **Cultura subalterna e neoliberalismo: A encruzilhada na América Latina.** São Paulo: CELACC – ECA – USP, 1997, p. 19-46.
- FIGUEIROA, João Carlos. **Botucatu: Cidade dos bons ares e das boas escolas.** São Paulo: Noovha América, 2007
- PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Alimentos, bandeiras e folias: elementos constituintes das festas subalternas.** 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.
- QUEIROZ, Renato da Silva. **Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o saci.** São Paulo: Polis, 1987
- SADER, Emir. **A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana.** São Paulo: Boitempo, 2009.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SEMERARO, Giovanni. **Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo.** Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2005. Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a03.pdf>, acessado em 06/03/2012.

SILVA, Clayton Leal. **O saci ao avesso.** Jornal Diário da Serra, Botucatu, 1 nov. 2011. Segundo Caderno. b1.

VIEIRA, Maressa de Freitas. **O Saci da tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural.** São Paulo, 2009. 167 fl. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.